

NO IR E VIR DAS MISSIVAS, TRÂNSITOS ENTRE TEMPOS E ESPAÇOS

A retórica clássica greco-latina refletiu pouco e muito tardiamente sobre a carta. Na retórica medieval, no entanto, a teoria sobre a carta adquiriu um lugar central e são numerosos os tratados sobre a *ars dictaminis*, sendo o composto por Alberico de Montecassino (ca. 1030-ca.1105) o mais antigo desses tratados que se conserva. No Humanismo, a reflexão sobre a carta continuou ocupando um lugar de destaque. Em 1536, o espanhol Juan Luis Vives publicou seu *De conscribendis epistolis*, tratado em que oferece a seguinte definição: "*Epistula est sermo absentium per litteras*". A teoria retórica contemporânea ainda não escreveu o tratado sobre o e-mail. O esquema é sempre o mesmo: contar com palavras (com letras, com *littērae*, com γράμματα) alguma coisa para quem está ausente e enviar (*mittēre*, ἐπιστέλλω) o escrito para que ele o leia. Nas palavras desta simples definição estão já as palavras com as quais dizemos "carta".

As palavras portuguesas que designam "carta" são continuações de formas latinas ou gregas. A palavra carta (em espanhol carta) vem do latim *charta* que, por sua vez, vem do grego χάρτης ('papiro', 'folha de papiro preparada para ser escrita', 'rolo de papiro'). Já em latim o termo adquiriu, por metonímia, o significado de 'aquilo escrito numa folha de papiro', em particular, 'carta', aquele escrito que uma pessoa envia para uma outra para se comunicar. Missiva (em espanhol misiva), de *missus* particípio do verbo latino *mittēre*, 'mandar', 'enviar', 'remeter'. O termo epístola (em espanhol epístola, em francês épître, em italiano epistola, em inglês epistle, em alemão Epistel) vem do grego ἐπιστολή, pelo latim *epistōla*. A forma grega ἐπιστολ ἡ está relacionada com o verbo ἐπιστέλλω (ἐπί + στέλλω), 'enviar para [alguém]'. E depois das cartas: o

e-mail. O termo inglês mail, do Inglês Médio male, significa ‘saco contendo cartas a entregar por correio’. O termo foi adjetivado no último quarto do século XX para ampliar o sentido: Electronic mail, e a expressão foi reduzida: e-mail, e o saco de cartas virou um serviço baseado em redes de computadores para enviar, armazenar e encaminhar mensagens eletrônicas, novas cartas sem χάρτης, novas missivas, novas epístolas. Adicionaremos à nossa lista de palavras portuguesas vozes em outras línguas. Lettre em francês e letter em inglês continuam a palavra latina *littĕra*, ‘letra’, ‘signo escrito’, no plural *littĕrae*, ‘carta’. Lembremo-nos de que, em grego, γράμμα também significa ‘letra’, ‘signo escrito’, e que γράμματα são ‘caracteres escritos’, ‘um escrito’, e, por extensão, um tipo particular de escrito: ‘carta’. Os termos alemães Brief e Sendbrief vêm do adjetivo latino *brevis*, *breve*, ‘curto’. Uma carta seria uma nota breve, um escrito breve para ser mandado ou enviado (senden: ‘enviar’, ‘mandar’). Para além do significado, é importante destacar a noção de trânsito, de ir e vir, que o termo encerra.

Com teor moralista, convocatórias, para serem enviadas a parentes, amigos e amantes ou, simplesmente, para não serem enviadas, a carta guarda o sentido de translação e, conseqüentemente, de infixidez próprio do gênero. Logo, definir e classificar o gênero carta ou epistolar é um desafio para os estudiosos da questão, de modo que é preciso estabelecermos o aparecimento e o desdobramento da comunicação por carta, no tempo e no espaço. Ora denotando a associação da comunicação oral e escrita no âmbito oficial, ora o trânsito íntimo de ideias e pensamentos, a carta é um instrumento potente na construção literária. Pode servir como objeto de comunicação cotidiana entre reis, amantes e parentes, permitindo-nos pensar a relação entre pessoas pertencentes a contextos econômicos, sociais e culturais distintos, pode também ser o modo de expressar os anseios, as

dúvidas e as angústias de quem a escreve, tornando-se forte veículo de produção de sentido. Assim, a carta tem papel importante para a movimentação das relações na comunidade. Nesse sentido, podemos problematizar as fronteiras entre ficção e realidade existentes na técnica epistolar, pois, buscando evidências nos textos literários ou em fontes epigráficas, é possível analisar o aparecimento da carta como forma de comunicação desde a literatura mais antiga até seus desdobramentos no mundo contemporâneo.

Portanto, o objetivo da chamada para este dossiê “Da tabuinha ao e-mail: A escrita epistolar do mundo antigo ao contemporâneo” foi chamar a atenção para o gênero epistolar, pensando na diversidade de abordagem do tema através do tempo, propósito contemplado no título do dossiê. O número reúne onze artigos e uma tradução bilíngue do grego para o português de autores oriundos de distintas regiões do Brasil, confirmando o diálogo profícuo entre professores e pesquisadores das universidades brasileiras envolvidos com os estudos epistolares na literatura. Devido ao alcance da proposta, é natural a pluralidade das abordagens em torno do tema, o que remete tanto à sua pluralidade como ao interesse que suscita entre os autores. Essa diversidade tem como fio condutor o exame de diálogos possíveis, nos quais autores e obras encontraram nas cartas uma forma de comunicar(-se) e de refletir sobre sua produção.

Desse modo, o artigo de Priscila Scoville “Os filhos do tablete: o poder dos mensageiros em cartas do Segundo Milênio AEC” discute, a partir de dois conjuntos de cartas, o de Mari e o de Amarna, a importância do papel dos mensageiros no estabelecimento das relações diplomáticas entre os reinos do Antigo Oriente Próximo. A autora apresenta o contexto histórico da troca de cartas e ressalta que não se tratam de cartas para serem redigidas ou lidas diretamente pelos reis, funções desempenhadas exclusivamente pelos mensageiros, que se

tornavam assim figuras centrais na interpretação da correspondência real. No artigo “Os gêneros epistolar e satírico nas *Cartas chilenas*, atribuídas a Tomás Antônio Gonzaga”, Ana Paula Gomes do Nascimento realiza um estudo das *Cartas chilenas* a partir da especificidade do gênero epistolar satírico. Após exposição e problematização do gênero, a autora, baseando-se na obra de Francisco José Freire -- o Cândido Lusitano --, argumenta que a arte de escrever cartas está, ainda no século XVII, intrinsecamente relacionada com a arte retórica. Para tanto, analisa os preceitos retóricos e poéticos vigentes no século XVIII, destacando o papel da écfrase e das epopéias presentes nas *Cartas chilenas*. Por fim, o artigo conclui apontando a insustentabilidade da leitura nacionalista da Inconfidência Mineira e das *Cartas chilenas*.

Tito Lívio Cruz Romão, em “As cartas de Franz Kafka a Milena Jesenská: um romance epistolar entre medos e desejos”, percorre as temáticas do amante, do tradutor, da língua estrangeira, do medo, da angústia e da ansiedade. O autor conclui o artigo apontando os desencontros entre Kafka e Milena ao perseguirem uma vida em comum, por causa da grande diferença comportamental de ambos.

Já Fernanda Maria Abreu Coutinho e Sávio Alencar, em “Para dizer o quanto te amo (saberei dizer?): cartas de Graciliano a Heloísa Medeiros”, buscam examinar os ecos íntimos da correspondência do escritor, atentando, porém, para os aspectos literários da carta enquanto gênero. Em outro artigo sobre o autor, “Cartas de Graciliano Ramos: uma epistolografia do corpo”, Lygia Barbachan de Albuquerque Schmitz discute a natureza da criação literária e do trabalho do escritor, a partir das cartas escritas por Graciliano Ramos, e argumenta que a carta não só permite uma leitura do corpo que escreve, mas também permite pensá-lo como um todo orgânico responsável pela ficção presente no gênero epistolar.

O processo de produção artística é discutido por Maria Elisa Rodrigues Moreira e Bruna Fontes Ferraz em “Literatura e correspondência em Ítalo Calvino”. Nesse artigo, as autoras ressaltam os diferentes aspectos do epistolário de Calvino, suas correspondências, não somente privadas, mas também com críticos e outros escritores. Partindo da noção de “grafias de vida”, as autoras discutem questões literárias que ultrapassam o texto produzido pelo autor, à medida que esse vai revelando suas reflexões, anseios e dúvidas.

No artigo “Aspectos da correspondência de Vinícius de Moraes com Manuel Bandeira”, Rafael Martins da Costa apresenta a correspondência trocada entre os dois poetas, na década de 1940, e discute a *Antologia poética* como o elo entre os dois escritores que permitiu a Vinícius fazer da coletânea um projeto interpretativo da sua obra, uma vez que, a partir da interlocução com Bandeira, Vinícius não só reordena a *Antologia*, mas reflete acerca do fazer e do cenário literário brasileiro. Na mesma direção, Katherine Funke, em “Para, não: de Dalton Trevisan (sobre) a Katherine Mansfield”, aborda, a partir da ideia de repetição e diferença, o que, segundo a autora, são as intenções estéticas de Dalton Trevisan, manifestadas na carta *My darling, Katherine (Mansfield)*. A autora argumenta que reescrever é, para Trevisan, uma questão central da sua obra, e defende que em cada nova versão a obra se torna vital e que nesse gesto de repetição, o escritor curitibano imprime sua marca de originalidade transgressora, que diferencia a sua literatura.

Em “Cartas não enviadas: os limites de intimidade e publicidade, gestação literária e o gênero das cartas de Kurt Cobain”, João Luiz Teixeira de Brito problematiza o gênero epistolar e pergunta acerca do que é uma carta e dos agentes envolvidos. O que caracteriza uma carta? Neste artigo, temas como o do suicídio surgem, embora o autor explore as cartas escritas e nunca enviadas com o intuito de debater a

relação entre a intimidade e a publicidade, estabelecendo, em termos literários, um debate sobre o indivíduo e a sociedade presente no gênero epistolar, especialmente, nas cartas escritas por Kurt Cobain.

Em “A epístola como espaço da memória e da escrita de si: uma análise do romance *De mim já nem se lembra*, de Luiz Ruffato”, Isabel Camila Alves da Silva e Vilani Maria de Pádua discutem o romance epistolar e apontam o espaço como elemento central na construção da memória do eu. Para tanto, partem da escrita de si, explorando a correspondência trocada entre José Célio, protagonista do romance de Ruffato e sua família, que vive no interior de Minas Gerais. Além de discutir o espaço da memória, as autoras chamam a atenção para a construção da linguagem que expõe a intimidade e dá voz aos excluídos.

Por último, em “*Verba Volant, Scripta Manent*: o poder da correspondência em Laub e Cárdenas”, Aline Costa dos Santos e Edcleberton Andrade Modesto discorrem acerca das formas de correspondência, a saber, a carta e o mail em duas obras contemporâneas: *O tribunal da quinta-feira*, de Michel Laub, e *Cartas para a minha mãe*, de Teresa Cárdenas. Os autores partem da carta, como forma mais antiga de troca de mensagens entre as pessoas, e de como o advento do e-mail revolucionou a correspondência tradicional, diminuindo o tempo e o espaço na comunicação.

O dossiê publica, ainda, uma resenha do livro GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. Tradução: Lília Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2010. 222 p., feita por Márcio F.R. Pereira, e uma tradução bilíngue grego-português da professora, historiadora e tradutora Maria Aparecida de Oliveira Silva *Consolação à esposa*, de Plutarco. Trata-se de uma produção literária em forma de carta. Em sua redação, Plutarco, servindo-se de elementos retóricos e filosóficos, dirige-se, à esposa com o intuito de amenizar, com palavras

consolatórias, as dores e os prantos da amada que sofre com a perda da filha.

Com este número da Revista Entrelaces, pretendemos discutir uma ampla e variada série de questões que atravessam o tempo e o espaço literário, tendo a carta como canal de comunicação entre os povos, trazendo contribuições originais e produções de épocas diversas da literatura universal. São colaborações que convidam os leitores à reflexão e auxiliam as pesquisas acadêmicas acerca do gênero epistolar.

Orlando Luiz de Araújo
(UFC-Brasil)

Maria Inês Pinheiro Cardoso
(UFC-Brasil)

Daniel Rinaldi
(UDELAR-Uruguai)